

# **Análise de quatro traduções do poema *The Raven* de Edgar Allan Poe**

Adriano MAFRA  
Munique Helena SCHRULL

## **Resumo**

A presente investigação propõe uma análise do poema *The Raven* (1845) do escritor norte-americano Edgar Allan Poe. Para fazê-lo, como ponto de partida, toma-se quatro traduções realizadas em língua portuguesa por Machado de Assis (1883), Fernando Pessoa (1924), José Lira (1995) e Vinícius Alves (1999). Privilegiou-se os pólos de chegada, evitando o confronto com o poema “original”, já que não se objetiva eleger uma tradução como sendo a melhor, mas apontar características próprias a cada um dos novos poemas.

**Palavras-chave:** *The Raven*, Tradução, Análise de tradução

## **Résumé**

*On propose, dans cette recherche, une analyse du poème The Raven (1845) d'Edgard Allan Poe (1809-1849). Pour ce faire, on part de quatre traductions réalisées en portugais : Machado de Assis (1883), Fernando Pessoa (1924), José Lira (1995) e Vinícius Alves (1999) On a souligné les quatre textes d'arrivé de façon à éviter la confrontation avec le texte dit "original", une fois que le but n'est pas d'éliir une traduction comme étant la meilleur, mais tout simplement mettre en évidence quelques caractéristiques propres à chaque nouveau poème.*

**Mots-cléfs :** *Le Corbeau, Traduction, Analyse de la traduction.*

## **INTRODUÇÃO**

Desde a sua primeira publicação, em 29 de janeiro de 1845, *The Raven* já fomentava indagações tanto do público quanto da crítica literária em razão dos efeitos provocados pelo excesso de aliteraões, pelo jogo de sons de lugares incomuns criados por Edgar Allan Poe (1809-1849) e que geravam uma aura de mistério, entre os quais as expressões que retratam o horror.

O clima de perenidade amorosa, de angustiante saudade e de cruel fatalismo, traços que compõem o tema central do poema (BARROSO, 1998) logo atraíram novos olhares, tanto a partir da obra em sua língua original, quanto através de suas diversas recriações para várias línguas por meio de suas traduções. Trata-se de uma tarefa bastante complexa em se tratando das várias composições linguísticas e conceituais expressas no poema, marcado por seus jogos prosódicos, rítmicos, lexicais. *The Raven*, apesar de apresentar componentes de grande complexidade, serviu de fonte para recriações em vários estilos, tal como poderá ser visto nas páginas que seguem, rompendo inclusive as fronteiras do campo das relações interlinguísticas para ser transposto para outras modalidades semióticas, como por exemplo, o cinema (*The Crow*, 1994). Também foi fonte para a composição de histórias em quadrinhos e até mesmo abordado no seriado televisivo *Os Simpsons* (1990) sob forma de humorística.

No que tange a sua recepção em outros idiomas, foi singularmente através das traduções que *The Raven* alcançou seu público, sua notoriedade e Edgar Allan Poe, reconhecimento. Os primeiros a terem contato com a obra de Poe foram os franceses, por meio das divulgaões que Charles Baudelaire (1853) e Stéphane Mallarmé (1888) fizeram em língua francesa. A partir de suas traduções, *The Raven* lançou-se em voos por outros territórios, tendo em vista a hegemonia do francês naquele século. Em língua portuguesa, as primeiras traduções de Edgar Allan Poe evidentemente sofreram as influências das novas tendências literárias em voga na França daquele período. Baudelaire e Mallarmé inclusive registraram apreciaões importantes sobre aspectos

específicos decorrentes da experiência de tradução do poema. Ambos verteram as linhas de Poe em prosa, uma vez que se julgavam incapazes de reproduzir, em língua francesa, toda a profusão de cores, sons, rimas e efeitos gerados nas configurações da obra original.

Foi a partir da tradução de Baudelaire que *The Raven* chegou ao Brasil em 1883, com a versão proposta por Machado de Assis, logo, proveniente em maior medida da versão francesa. Cláudio Abramo, no seu ensaio intitulado “Uma infelicidade Machadiana”, discorre sobre as similaridades entre as produções de Baudelaire e Assis. De acordo com o autor, a versão francesa de Baudelaire contém uma grande quantidade de “erros” que logo foram multiplicados e disseminados em muitas versões do poema realizadas nas línguas neolatinas. A tradução machadiana, portanto, soma-se a elas. Conclui Abramo (1999):

Pois é possível afirmar-se, sem sombra de dúvida, que a tradução do escritor brasileiro é muito mais da versão francesa de Baudelaire do que do poema original. Isso não se depreende de similaridades vagas, mas [...] das mesmas adições, das mesmas omissões e das mesmas palavras nos mesmíssimos lugares das traduções de um e de outro.<sup>1</sup>

Da primeira tradução em solo brasileiro aos dias atuais, muitos “outros corvos” ganharam vida e grasnaram o seu fatídico *nunca mais* em noites *agrestes, lúgubres, augurais e profanas*, propagando em nosso idioma o clima de horror representado por Edgar Allan Poe. Em Portugal, Fernando Pessoa empreendeu a tradução do poema *The Raven* em 1924. Sua versão, ao lado daquela produzida por Machado de Assis, já se consolidou como clássica entre os textos em língua portuguesa, sobretudo em razão da notoriedade de ambos os escritores. Sete décadas após a tradução de Pessoa, o poeta paraibano José Lira lança uma proposta de tradução com características regionalistas, marcada por traços da literatura de cordel. Com a sua versão de “O Corvo” (1995), Lira parece ter centrado suas preocupações, sobretudo, em tornar a obra acessível ao grande público, isto é, delineando-a através de composições expressas em nível menos formal. Surge então “O Corvo” com uma nova roupagem: em sua versão cordelística, concedendo nova proposta de sucesso e perpetuação do texto de Poe. Início dos anos 2000, é a vez de Vinícius Alves, escritor catarinense, publicar a sua tradução do poema.

Nesta investigação, serão explicitados alguns aspectos que se sobressaem em cada uma das recriações do poema, de modo a propor reflexões sobre os diversos trajetos possíveis que marcam os processos de composição. Para fazê-lo, parte-se desta fonte que marcou várias gerações e que, acredita-se, continuará rompendo barreiras, outrora supostamente estanques.

## Os Tradutores

### Machado de Assis

Teria sido fruto de decisão refletida o fato de Machado de Assis ter traduzido o poema *The Raven* em 1883 a partir de uma versão francesa. Uma tradução indireta do

---

<sup>1</sup> Artigo publicado no DO Leitura (setembro de 1999), suplemento literário do Diário Oficial do Estado de São Paulo e disponível *on line* em <<http://www.elsonfroes.com.br/framepoe.htm>>.

francês, confirmada, em razão de suas semelhanças com a tradução de Baudelaire (ABRAMO, 1999). Possivelmente, Machado de Assis traduz *The Raven* adaptando-o intencionalmente a um novo contexto, buscando bases sólidas para a formação de uma identidade literária nacional. Em oposição a postura servil do tradutor ao original, ainda preconizada por muitos em sua época, Machado recria, traz à tona novos elementos, incorporando em sua tradução as influências de sua formação literária. Como bem aponta Cruz (2007), o original só passa a ser assim definido a partir da existência de suas recriações.

Gledson (*apud* BARRETTO, 2007, p. 4) considera importante a empreitada de Machado de Assis em aplicar alterações sobre o talhe do verso original, sobretudo para atingir mais liberdade em sua língua. Em *The Raven*, Machado propõe uma versificação nova, diferente daquela que consultou. Todavia, ainda atrelado à rigidez de seu tempo, conserva traços das prescrições que pareciam ultrapassá-lo sem que o percebesse. Ademais, consegue a manutenção de um ritmo natural e suficientemente variado. Para Sérgio Bellei, citado por Cruz (2005), enquanto Poe escreve sobre um amante aflito pela perda da mulher amada e usa como emblema dessa situação a figura de um corvo, Machado potencializa o que Poe reduz a uma percepção mais limitada da dor da perda no ser humano. Além disso, Machado recria o poema situando o corvo como o centro da atenção, concedendo maior ênfase à mensagem secreta que ele teria a oferecer à humanidade (BELLEI *apud* CRUZ, 2005). Com isso, o corvo machadiano se abre de forma explícita às discussões psicanalíticas acerca da própria condição existencial do ser humano, suas angústias e suas inquietações.

Para Machado, traduzir corresponde a escrever (leia-se recriar). Naturalmente, parte daquilo que considera como referência, mas exerce seu papel, mantendo sua autonomia enquanto tradutor-compositor (MASSA *apud* FERREIRA, p. 129). Em *The Raven*, por exemplo, Machado desvia-se de modo sistemático do texto fonte, o que torna difícil aceitar que sua postura não teria sido proposital. Nas palavras de Cruz (2005), Machado deriva para o universal, logo seu projeto de tradução estaria em consonância com as correntes atuais dos principais teóricos dos estudos da tradução. Criativo, sua tradução esteve direcionada ao seu projeto de construção de uma literatura nacional. Nesta perspectiva, Machado recria, vislumbrando no horizonte o nacionalismo literário que, segundo suas expectativas, refletiam as correntes em formação, em um Brasil marcado por mudanças culturais. Ou ainda, como define Ferreira (2004, p. 190), Machado de Assis, assumidamente transgressor, estaria situado na vanguarda para o entendimento pós-moderno da prática tradutória, em que o tradutor assume suas responsabilidades e compõe outro texto. O resultado é conhecido: *The Raven* e *O Corvo*, textos distintos, cada um com a sua identidade própria, sem diminuir a aceitação do público pela essência conceitual e poética da obra de Poe.

## **Fernando Pessoa**

Em 1924, Fernando Pessoa traduz *The Raven*. Segundo o próprio autor, o objetivo dessa tradução era preservar ao máximo os componentes rítmicos presentes no original. Com objetivos bem delimitados, Pessoa apresenta a sua tradução com o mesmo número de versos e estrofes do poema em inglês. Essa tirania da rima em *ais* garantida pela tradução literal do refrão e que se perpetua na tradução de Pessoa não impediu ao corvo de revoar pelas lamúrias de um narrador que chora a morte da mulher amada, aqui tão somente aludida: o nome *Lenore* nem sequer é pronunciado, mas a sua representação e lembranças ainda minam o coração do narrador que sofre, sobretudo com a presença do corvo.

Para Sara Viola Rodrigues (2000), a maior virtude de Fernando Pessoa estaria em imprimir em seu texto uma carga poética muito próxima à carga poética dos refrões de Poe. Além disso, a repetição de palavras e frases inteiras estabelece a cadência do poema traduzido e se presta muito bem à tarefa da construção do tom de lamento e melancolia. Oseki-Dépré (1999, p. 224) afirma que o poema, nas mãos de Pessoa, ganha outro tom, além de ser

[...] completamente “*desdramatizado*”, torna-se mais geral, mais abstrato, mais moderno, pois os nomes próprios são excluídos ou modificados (*Pallas* torna-se “*Atena*”), não se atesta mais o romantismo negro e tenebroso<sup>2</sup>.

Nesta tradução, algumas figuras poéticas aparecem destoadas, porém nossa postura frente à análise das traduções evitará quaisquer julgamentos de valor, que seriam expressos em virtude de tendências pessoais.

### **José Lira**

José Lira traduziu *The Raven* em 1996. Anuncia em sua tradução que o referido poema é a obra-prima de Poe, sendo este um dos poetas mais conhecidos no mundo literário e não literário. Com relação ao trabalho de Lira, é importante sublinhar que se trata da primeira recriação em folhetos de cordel. Seu poema se destina inicialmente ao público leitor de cordel e por isso representa uma tradução extremamente popular, realizada, sobretudo, em décimas de sete sílabas com um vocabulário enxuto e sem rebuscamentos. Termos e expressões do poema em inglês ganham nesta tradução uma nova roupagem e uma grande proximidade com a oralidade e, com isso, aproxima-se também da realidade vivenciada pelo leitor comum. Objetivando tornar a obra acessível a um número elevado de pessoas comuns, sua tradução corrobora com a sua finalidade, ou seja, goza de ritmo ágil e fácil que convida à leitura e processamento das conceitualizações do poema.

### **Vinícius Alves**

A experiência de Vinícius Alves com o poema *The Raven* ocorreu, segundo ele, em certa noite também tempestuosa. Como um exercício de passatempo, Alves pôs-se a decifrá-lo e, em dois meses, concluiu sua recriação. Em suas mãos, além do texto em inglês, o poeta contava com uma série de traduções do poema: de Baudelaire a Milton Amado. O seu parco domínio do inglês e seu superficial conhecimento de metrificações possibilitaram o que Vinícius Alves chama de versão:

Prefiro dizer, mais propriamente, que se trata de uma “*tradu-som*”. Mas já conhecedor da “*história*” do poema, tomei-me de entusiasmo em “*tra(duz)ir*” (talvez fosse melhor usar o termo sonorizar) como um exercício, este que é, a meu ver, um dos poemas mais sonoros da língua inglesa (ALVES, 2002, p. 43).

Intencionalmente, Vinícius Alves lançou sobre *The Raven* um novo olhar. Buscando subsídios na Filosofia da Composição, Alves propôs aproximar a configuração sonora do original com sua recriação, preservando suas rimas em “*ore*” (*Lenore, nevermore*) através de seleções lexicais que remetessem a este mesmo som na

<sup>2</sup> [...] *le poème change de ton sous la main de Pessoa: il est complètement dédramatisé, devient plus général, plus abstrait, plus moderne, car les noms propres sont exclus ou modifiés (Pallas devient « Atena »), et il n'est plus question de romantisme noir et ténébreux.* Tradução nossa.

língua portuguesa: “não me olvidei do ouvido. Da rima pobre em “ais”, arrisquei-me a buscar, o mais próximo que pude, o som de Poe. Cheguei ao meu “Não agora” [...]”<sup>3</sup>.

Algumas críticas apontam para a distância que vai do já cristalizado “nunca mais” das traduções em língua portuguesa para o seu vacilante “não agora”. Alves defende sua postura, ao afirmar que usou o seu “não agora” com o mesmo sentido que os donos de botequim utilizam o cartaz que diz “fiado só amanhã” (leia-se “fiado nunca”). Neste sentido, o “não agora” obrigatoriamente ganha o mesmo sentido de “nunca mais”, já que o corvo repete somente esta expressão, impelindo assim qualquer possibilidade de o personagem ter seus anseios atendidos. O dilema do personagem nunca será resolvido, ao menos, “não agora”.

### **Análises das traduções**

- A primeira tradução (doravante T1) goza de certo prestígio por ser a primeira realizada em língua portuguesa (1883) e também por ter sido lançada pelo escritor Machado de Assis;
- A segunda tradução, de autoria do poeta português Fernando Pessoa (1924), já se tornou um clássico, muito provavelmente graças ao prestígio do escritor e poeta português (doravante T2);
- A terceira tradução escolhida (T3) é de autoria do poeta Paraibano José Lira (1995), cujo objetivo parece consistir da busca em aproximar a obra do seu público leitor, propondo uma versão com características que se afinam com a cultura popular do nordeste brasileiro, mais especificamente com a Literatura de Cordel;
- Por fim, a última análise recairá sobre a tradução do poeta Catarinense Vinícius Alves (doravante T4), traduzida em 1999 e publicada no ano seguinte pela Editora Bernúncia em parceria com a Editora da UFSC.

Ao iniciar nossas análises, percebe-se claramente que os tradutores preferiram manter a mesma organização da narração conforme consta no texto-fonte: os textos partem do narrador, sonolento em meio a livros antigos, amargando a solidão em seu quarto até que ouve um ruído vindo de fora. O corvo força a entrada pela porta e em seguida pela janela. As lembranças da mulher amada se fazem cada vez mais presentes até que o corvo, impelido pela noite fria e tempestuosa, busca abrigo sobre um busto de Palas. Lá o embate entre o narrador e a ave negra culmina no refrão obsessivo que vai ecoar por todo o poema. Aliás, em praticamente todas as traduções em língua portuguesa, o refrão *Nevermore* foi traduzido literalmente por *Nunca mais*. Excetua-se, aqui, T4:

**T1:** E o Corvo disse: “Nunca mais”.

**T2:** Disse o Corvo, “Nunca mais”.

**T3:** E a ave disse: “Nunca mais”.

**T4:** E o Corvo disse: “Não agora”.

No entanto, a possibilidade de recriação nem sempre foi levada adiante. Mesmo em trechos que permitiam uma aproximação com a cultura de chegada, a tradução

<sup>3</sup> Idem, Ibidem, p. 46.

manteve-se presa aos ditames do original. Na segunda estrofe do poema, por exemplo, o poeta reforça a expectativa e o lamento, julgando-se incapaz de encontrar alívio para a dor provocada pela morte de Lenore. O frio extremo em pleno mês de dezembro surge nos textos em língua portuguesa:

**T1:** Ah! bem me lembro! bem me lembro!  
Era no glacial dezembro;

**T2:** Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro

**T4:** Ah, perfeitamente eu lembro, foi no gélido Dezembro

Porém, T3 inova ao suprimir o adjetivo *bleak* que, de acordo com as acepções do *Oxford Dictionary of English*<sup>4</sup> (desolado, sombrio, desanimador, cinzento e deprimente), não são condizentes com o clima no mês de dezembro no hemisfério sul. Vale lembrar que a literatura de cordel é bastante difundida nos estados que compõem a região nordeste do país e certamente tal adjetivo geraria estranhamento:

**T3:** Ai, bem quisera esquecer,  
E não lembrar, como lembro:  
Era no mês de dezembro

Importante ressaltar a figura feminina evocada no decorrer do poema. Lenore, a jovem mulher morta, jaz em seu sepulcro, no entanto a sua forte presença é ainda sentida naquele quarto sombrio, seja no temor causado pelo simples ressoar das cortinas ou mesmo no veludo macio da poltrona:

**T1:** Cada brasa do lar sobre o chão refletia  
A sua última agonia. [...]  
Com a cabeça no macio encosto, [...]  
Onde as tranças angelicais  
De outra cabeça outrora ali se desparziam,

**T2:** Naquele veludo onde *ela*, entre as sombras desiguais,  
Reclinar-se-á nunca mais

**T3:** No sofá, de encosto feito  
Por certas mãos divinais  
Ah! Que essas mãos de veludo  
Não tocarão no veludo

**T4:** E a aterradora sombra púrpura da cortina doentia  
Com suas formas a lembrar-me a fantasmal senhora [...]  
Ainda mais eu me reclino na poltrona que me ancora;  
E divago sob a luz violeta daquela que ainda me enamora,  
Aquele em que mais não toco, ah, Não Agora!

*Lenore*, em três das traduções selecionadas, transforma-se em Lenora. Em T2, o objetivo declarado do tradutor em traduzir o poema ritmicamente conforme o original aboliu o nome da amada em detrimento da rima. Apostando nas rimas em *ais* (nunca

<sup>4</sup> (s.a). *Dicionário Oxford escolar para estudantes brasileiros de inglês*. Ed. Oxford University Press, 2010.

mais), Pessoa desvirtua a figura poética de *Lenore* que sucumbe e é apenas aludida. Tradutora contemporânea de *O Corvo*, Isa Mara Lando (2003) comenta a postura daquele tradutor: “Fernando Pessoa – que curioso! – deixa a donzela sempre “nameless” – “sem nome aqui jamais””. A título de curiosidade, listamos os nomes mais recorrentes de *Lenore* em outras traduções em língua portuguesa: *Eleonora*, *Leonora*, *Lenais*, *Leonor* e *Eleonor*.

- T1:** Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora, [...]
- T2:** P’ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais [...]  
Eu o disse o nome dela, e o eco disse os meus ais
- T3:** Chamando, em vão, por Lenora,
- T4:** A radiante presença a que os anjos chamam Lenora – [...]

Um dos pontos-chave do texto de Poe são as figuras poéticas presentes em toda a narrativa. *The Raven*, com suas características de *short story*, apresenta uma gama bastante interessante de imagens poéticas. A primeira delas, cuja representação é fundamental para a obra, é da ave negra que intitula o texto. O termo *Raven* designa uma espécie particular de corvos, a *Corvus corax*, conhecida por seu comportamento arisco, por sua inteligência e agressividade. Já o termo *Crow* designa indistintamente todas as aves desse gênero, sem particularizá-las. Da família dos *Corvídeos*, o gênero *C. corax* vive em áreas extremas, desde o Ártico até o norte da África, passando por algumas ilhas do pacífico e certas regiões do continente asiático, América do Norte, América Central e Europa. A preferência por regiões isoladas como tundras, florestas coníferas, alpes, montanhas e até mesmo desertos revela um fato importante para situar a ambientação do poema: a espécie não costuma se aproximar de áreas residenciais, ficando a margem de cidades e zonas urbanas. Para Nuno Leitão (2009), a ave em cada cultura ou situação flutuou entre a posição de venerada a insultada, de profeta a mágico, tendo por vezes o dom de se transformar em pessoas. Sua aparência forte e seu domínio frente a outras aves motivaram as pessoas a utilizarem o corvo como mascote. As primeiras alusões registram-se no Antigo Testamento, onde a ave era tida como amiga e companheira dos primeiros santos Cristãos. Por outro lado, o negror de suas plumas e os hábitos alimentares necrófagos da espécie fez com que a cultura popular acreditasse ser a ave portadora de maus presságios, associando-a as forças do mal e a morte. Os desafios inerentes à tradução poderiam iniciar aqui, visto que não temos em língua portuguesa uma palavra que designe espécie tão particular de corvo. Além disso, apesar de sua ampla distribuição geográfica, a espécie em questão não é encontrada nas florestas tropicais que cobrem grande parte do Brasil. No entanto, o caráter profético legado ao corvo, sua astúcia e onimosidade são facilmente evidenciados nas traduções. Segundo Abramo (1999), se capturado ainda filhote, a ave pode aprender a reproduzir palavras, daí a especulação do narrador do poema de que um antigo dono teria ensinado a dizer a palavra *nevermore*:

- T1:** "Certamente, digo eu, essa é toda a ciência  
Que ele trouxe da convivência  
De algum mestre infeliz e acabrunhado
- T2:** "Por certo", disse eu, "são estas suas vozes usuais.  
Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono

Seguiram até que o entorno da alma se quebrou em ais,

**T3:** Supus que essa ave ensinada

Foi por antigo padrão.

Má sorte teve o seu dono:

A ave o deixou no abandono,

**T4:** "Um ventríloco", eu penso, "que repete a frase sonora

Que aprendeu de um velho mestre num só único semestre

Como um refrão a repete para ver se assim melhora

Lançando um olhar mais atento ao poema *The Raven*, podemos “pinçar”, em vários momentos, um paralelismo entre os sofrimentos do narrador e aqueles momentos de horror vividos por Jeremias, impotente ante o castigo Divino aplicado à cidade de Jerusalém, destruída e desolada, e ao povo de Israel, à mercê dos invasores do norte e condenados a um exílio de setenta anos na Babilônia. Suplica Jeremias (Jr 8:22): “Porventura não há bálsamo em Gileade? ou não se acha lá médico? Por que, pois, não se realizou a cura da filha do meu povo?”. Em *The Raven*, o narrador lança ao corvo o seguinte questionamento: *Is there – is there balm in Gilead? – tell me – tell me, I implore!*. Vejamos agora as súplicas do narrador nas suas traduções. As referências ao citado bálsamo, como se percebe, são variadas:

**T1:** Dize-me: "Existe acaso um bálsamo no mundo?"

**T2:** Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atraís!"

**T3:** Vê que de braços eu choro!

– Dá-me os ocultos sinais

**T4:** "Existe – existe o bálsamo em Galaad – dize-me – dize-me" sem demora!"

Além do mais, a figura do busto que serve de abrigo ao corvo representa um ídolo, símbolo causador da ira do Altíssimo que culmina com a expulsão do povo de Israel e por extensão, da dor de Jeremias (Jr. 8:19): “[...] Por que me provocaram à ira com as suas *imagens de escultura*, com vaidades estranhas?” (grifos nossos). O corvo, aqui, representaria o basilisco enviado por Deus, misto de ave e réptil, besta capaz de matar com um simples olhar: “Pois eis que envio entre vós serpentes, basiliscos, contra os quais não há encantamento” (Jr. 8:17). E o olhar do corvo paralisa, amedronta, causa pavor:

**T1:** Sentia o olhar que me abrasava,

**T2:** À ave que na minha alma cravava os olhos fatais,

**T3:** A ave de negro capuz

Tem olhos da cor de fogo,

**T4:** Tem o olhar de mil demônios que habitam os meus sonhos

Ainda sobre a presença da deusa Palas, em uma das versões da mitologia grega, as deusas Palas e Atena eram amigas de infância. Durante uma brincadeira em que ambas simulavam um combate, Atena acertou Palas acidentalmente, levando-a ao óbito. A partir desta data, Atena, arrependida, teria incorporado o nome da amiga ao seu como forma de homenageá-la, passando então a se chamar Palas Atena (BOLEN, 1990).

Abramo (1999) acredita que esse fato possa ter influenciado a substituição em T2 de Palas por Atena. Em T3, a figura da deusa desaparece, conforme excertos abaixo:

- T1:** Trega, no alto da porta, em um busto de Palas;  
**T2:** Num alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais,  
**T3:** Sobre o portal, à vontade,  
Pousou,e então, à vontade,  
**T4:** Pousa e posa sem demora –  
Sobre a estátua de Palas que embolora –

Finalizando as análises, ressaltamos em tempo a postura de do tradutor de T1, que se vale do uso de *parênteses* para adicionar informações ao texto. Importante ressaltar que este recurso é inexistente no texto fonte. Coincidentemente, T2 lança mão do recurso no mesmo verso de T1, fazendo inclusive a adição do mesmo termo, o que sugere uma possível consulta à tradução de Machado de Assis:

- T1:** Repouso (em vão!) à dor esmagadora [...]  
(Disse) é visita amiga e retardada  
**T2:** P'ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais –

### **Considerações Finais**

Impossível esgotar toda a riqueza presente no texto de Poe, recriado nos mais variados e requintadíssimos estilos em épocas distintas. Cada nova tradução perpetua a saga de um narrador que sofre por um amor que a morte já tomou em seus braços e, como sugere Fróes (1999), dialoga inter e metatextualmente com as outras traduções e com o original. No entanto, os tradutores nem sempre colhem os louros por seu trabalho. Muito pelo contrário, ficam a mercê de constrições externas que normalmente privilegiam autor e a obra original, quando não o organizador das edições. Informações importantes sobre o método de trabalho e a escolha do texto a ser traduzido não chegam até o leitor, o que possivelmente contribui para uma visão deturpada do que de fato seja a atividade tradutória. A esta situação, soma-se um número elevado de análises prescritivas das traduções, reforçando estereótipos e preconceitos acerca do trabalho de quem se propõe a traduzir.

Além do mais, tais informações são essências para podermos mapear a atividade de cada tradutor. Porém, quando não dispomos desse recurso, é preciso recorrer ao texto traduzido para poder identificar alguma estratégia empregada. Comparar as traduções do poema torna-se então importante não só para saber qual é o resultado final que cada obra sustenta, mas também para delimitar o momento em que cada uma foi produzida, o período literário onde estavam inseridas e a realidade de cada autor.

Machado de Assis, tradutor de T1, propõe sua tradução do poema em 1883, como já mencionado anteriormente. Neste período, *The Raven* já havia sido alvo da atenção de vários tradutores, no entanto, não apresentava nenhuma versão em língua portuguesa. Este fato, talvez, possa ter influenciado a escolha de Machado de Assis pela obra em questão. Crítico, Machado debatia questões que ainda hoje geram calorosas discussões na área tradutológica: a originalidade da tradução, apostando no tradutor como autor e creditando ao texto traduzido autenticidade e autonomia face ao original. Neste sentido, é possível afirmar que Machado de Assis, ao assumir tal postura enquanto tradutor,

insere-se na corrente contestadora da tradução, ou seja, considera a prática como um ato interpretativo, produtor de sentidos e não somente um ato de transposição de sentidos equivalentes. Para Bellei (1987), citado por Barretto (2007), Machado estaria questionando a originalidade de um escritor e a formação de uma literatura nacional em um contexto em que é inegável a relação de dependência com originais prévios representantes de uma tradição literária estrangeira. Ainda citando Bellei (1987), a não literalidade da tradução de Machado de Assis talvez não seja uma mera coincidência. Para o autor, “há um método e um propósito na alteração feita por Machado no poema original de Poe. Ele não estava traduzindo, mas sim criando outra coisa”<sup>5</sup>. Possivelmente, essa não-submissão ao texto original, ao que é estrangeiro estaria ligada aos interesses de consolidação de uma identidade nacional por parte daquele escritor. Sua intenção, portanto, era a apropriação da literatura estrangeira e não apenas uma mera reprodução de textos (BELLEI *apud* BARRETTO, 2007).

Já Fernando Pessoa, ao traduzir *The Raven* em 1924, opta por uma fidelidade ferrenha à forma do original, o que altera o foco da primeira tradução em língua portuguesa. Acredita-se que as escolhas estariam atreladas a ideia de tradução em voga naquele período, época em que os teóricos, em geral escritores e intelectuais, primavam pela sacralização do original. No início do século XX, como bem aponta Lópes-Gay (2006), prevalece a ideia de que a tradução deve preservar o estrangeiro (ou o alheio) do original, consolidando uma visão totalmente elitista, já que as traduções seriam legíveis somente aos leitores verdadeiramente cultos, com o mínimo de conhecimento da cultura-fonte. Neste sentido, Pessoa estaria dentre os representantes da teoria tradicional tradutória, uma vez que buscou em seu texto uma conformidade com o texto de Poe.

José Lira, em sua tradução, mesmo resguardando elementos fundamentais presentes no texto de Poe, primou pela cultura de chegada. Substitui ou prefere omitir muitas expressões, já que o seu objetivo principal consiste em alcançar o leitor comum, utilizando como meio de divulgação a literatura de cordel. Liberta-se da forma e cria novo esquema rimático em sua tradução.

Vinícius Alves, tradutor de T4, define bem os objetivos de sua tradução. Tendo em mãos a *Filosofia da Composição*, busca em sua recriação o tom no som, conforme sugere Poe em seu ensaio. Com isso, Alves não se prende a equivalência do léxico em seu texto, mas mantém rigorosamente o mesmo número de versos e recria em português o esquema rimático do original. As figuras poéticas e os intertextos são mantidos em T4 e um ponto importante desta tradução reside na alteração do refrão (nunca mais/não agora), o qual Poe credits grande importância na configuração do poema.

Finalmente, lembramos que ao propor uma análise das traduções do poema *The Raven*, eximiu-se aqui a tarefa de eleger a melhor ou pior tradução, já que esta tarefa está intimamente ligada a gostos pessoais. Ao privilegiar os estudos descritivos da tradução e o modelo de análise descritiva, a visão ultrapassa os limites dos textos, passando a enfatizar as culturas fonte e alvo e, por conseguinte, adquirindo maior relevância no pólo receptor. Evidentemente, a presente pesquisa não pretende encerrar toda a riqueza inerente ao produto mais famoso de Edgar Allan Poe, reescrito com habilidade por muitos tradutores ao longo dos anos. Modestamente, lançaram-se novos olhares para as traduções do poema, evidenciando as suas particularidades e abrindo caminho para futuras pesquisas. O deslocamento de pouco mais de um século e meio aliado ao papel desempenhado pelo leitor, faz com que “O Corvo” ressurgja com novas roupagens e componentes modernos a cada nova leitura.

---

<sup>5</sup> *There is a method and purpose in Machado's deviation from Poe's original. He is not translating, he is doing something else.* Tradução nossa.

## Referências Bibliográficas

### Estudos da Tradução

BARRETO, Eleonora Frenkel. O original na tradução de Machado de Assis. In **Scientia Traductionis**. Número 4 – Jun 2007. Disponível em <<http://www.scientiatraductionis.ufsc.br/original.pdf>> Acesso em 28 jun 2010.

BATAILLE, Georges. **Premiers écrits - Histoire de l'œil - L'Anus solaire**, Vol. 11. Sacrifices – Articles, 1940.

CAMPOS, Haroldo de. Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora. In OLIVEIRA, Ana Cláudia de, SANTAELLA, Lúcia (Org.). **Semiótica da literatura**. São Paulo: EDUC, 1987. (Série Cadernos PUC, 28 - p. 53-74).

CRUZ, Ronald Taveira. A tradução como o segundo original. In **Revista Transdisciplinar de Letras, Educação e Cultura da UNIGRAN**. Vol. 1, N. 2, jan-jun 2005. Disponível em <[http://www.unigran.br/revistas/interletras/ed\\_anteriores/n2/dossie/traducao.html](http://www.unigran.br/revistas/interletras/ed_anteriores/n2/dossie/traducao.html)> Acesso em 25 jul 2010.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007

FERREIRA, Eliane Fernanda Cunha. **Machado de Assis: teórico do traduzir, por subtração?** 2001. 250 f. (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. **Para traduzir o século XIX: Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 2004.

HOLMES, James S. The Name and the Nature of Translation Studies. In **Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Amsterdam: Rodopi, 1998.

JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. In \_\_\_\_\_. **Lingüística e comunicação**. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971. (p. 63-72).

LÓPEZ-GAY, Patrícia López. **O Banqueiro Anarquista, de Fernando Pessoa: Reflexões sobre a Autotradução.** Disponível em <[http://cvc.institutocamoes.pt/bdc/artigos/banqueiroanarquista\\_pt.pdf](http://cvc.institutocamoes.pt/bdc/artigos/banqueiroanarquista_pt.pdf)> Acesso em 10 jul 2010.

OSEKI-DÉPRÉ, Ines. **Théories et pratiques de La traduction littéraire.** Armand Colin. Paris, 1999.

RODRIGUES, Sara Viola. Semanálise e tradução. In **Cadernos de Tradução.** Porto Alegre, n.º 11, p. 45-69, jul-set. 2000.

### **Edgar Allan Poe, *The Raven* e suas traduções:**

ABRAMO, Cláudio Weber. Uma infelicidade Machadiana. In: **A Espada no Livro.** Disponível em <<http://cwabramo.sites.uol.com.br/espada.htm>> Acesso em 12 jul 2009.

ALLEN, Hervey. **Israfil: vida e época de Edgar Allan Poe.** Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Livraria Globo, 1945

ALVES, Vinícius. (org.) **O corvo, corvos e o outro corvo.** Florianópolis: Bernúncia Editora, 2002.

ARAÚJO, Ricardo. **Edgar Allan Poe: um homem em sua sombra.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BARROSO, Ivo. (org.) **O corvo e suas traduções.** Rio de Janeiro : Lacerda Ed., 1998.

BAUDELAIRE, Charles. **Ensaio sobre Edgar Allan Poe.** Trad. Lúcia Santana Martins. Ícone Editora, 2003.

BORGES, Luciana Maia. A poética de O Corvo em Fernando Pessoa e Milton Amado. In: **Revista Rónai.** Vol. 00-Jan. 2007. Disponível em <[http://www.ronai.ufjf.br/13\\_Corvo.html](http://www.ronai.ufjf.br/13_Corvo.html)> Acesso em 11 Out 2009.

FARIA, Olívia Ribas de. A releitura paródica do poema O Corvo de Edgar Allan Poe em Os Simpsons. In **Artefactum: Revista de estudos em linguagem e tecnologia** – Ano 2, n.º 2, v. 2 – Março de 2009. Disponível em <<http://189.50.200.208/seer/index.php/localdatacenter/article/viewFile/66/55>> Acesso em 12 jul 2009.

FRÓES, Élson. **Uma nuvem de corvos: O Corvo em português: Traduções, inspirações e ensaios.** Disponível em <<http://www.elsonfroes.com.br/framepoe.htm>> Acesso em 06 jun 2009.

LANDO, Isa Mara. Poe-tando o corvo. In **Quartzo, Feldspato & Mica.** Disponível em <<http://quartzo-feldspato-mica.blogspot.com/2003/11/post-scriptum-67.html>> Acesso em 12 jul 2009.

LIRA, José. **O corvo.** Recife: Editora Coqueiro, 1995.

POE, Edgar Allan. **The Philosophy of Composition.** Trad. Diego Raphael. Disponível em <<http://www.elsonfroes.com.br/framepoe.htm>> Acesso em 07 jun 2009.

\_\_\_\_\_. **The Philosophy of Composition.** Disponível em <<http://xroads.virginia.edu/~HYPER/poe/composition.html>> Acesso em 21 jun 2009.

#### **Obras gerais de consulta:**

ALMEIDA, Karima Bezerra de. Dicionário de tradutores literários no Brasil. **Verbetes: José Lira.** Disponível em <<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/JoseLira.htm>> Acesso em 04 set 2009.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obra Completa.** Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

BÍBLIA Sagrada. A. T. **Jeremias.** 34 ed., São Paulo: Editora Ave-Maria, 1982.

BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher: nova psicologia da mulher.** Trad. Maria Lydia Remédio. Col. Amor e Psique. São Paulo: Paulus, 1990.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 3 ed. 10ª tiragem. São Paulo: Cultrix, 1987, p. 193

GATO, Margarida Vale de. **Sobre a universalidade da literatura.** Disponível em <<http://bibliotecariodebabel.com/tag/margarida-vale-de-gato/>> Acesso em 05 jul 2009.

LARANJEIRA, Mário. **Poetas de França hoje: 1945-1995.** São Paulo: EDUSP, 1998.

LEITÃO, Nuno. **O mítico Corvo**. (2009) Disponível em <  
[http://nатурlink.sapo.pt/article.aspx?menuid=2&cid=12329&bl=1&viewall=true#Go\\_1](http://nатурlink.sapo.pt/article.aspx?menuid=2&cid=12329&bl=1&viewall=true#Go_1)>  
Acesso em 10 jul 2010.

PESSOA, Fernando. **Obras em prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.

SENA, Jorge de. O heterônimo Fernando Pessoa e os poemas ingleses que publicou. *In*  
PESSOA, Fernando. **Poemas ingleses**. Tradução Jorge de Senna. Lisboa: Edições Ática,  
1974.

**Sobre os autores:**

Adriano Mafra: Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010) e Doutorando pelo mesmo programa. É membro do Núcleo de Estudos em Processos Criativos (NUPROC-UFSC);

Munique Helena Schrull: Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010). Atua na rede municipal de ensino (SC).